

A ESCRITA COMO UM CAMINHO PARA A (RE)CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE: UM ESTUDO DOS ROMANCES “ANTES DE NASCER O MUNDO” E “A CONFISSÃO DA LEOA”, DE MIA COUTO

Rosana Maria Teles Gomes, UFPE¹

Resumo:

Stuart Hall (2003) defende que a identidade não é algo definido, está sempre em processo, portanto, não há uma identidade, e sim identidades. Assim, pode-se estudar a produção literária como um fator que contribui para a (re)construção de uma identidade coletiva, principalmente em países marcados por séculos de controle do colonizador e por guerras civis. Nesse contexto, a literatura irrompe com uma força social singular, e as narrativas podem se constituir em formas de resistência e de reação a um discurso dominante e controlador. Segundo Ricoeur (1997), “identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar”. Ao mesmo tempo em que é capaz de trazer à memória um passado que não pode ser suplantado, o texto literário pode contribuir para a formação de uma nova sociedade. Ao compor suas narrativas, Mia Couto trabalha com memórias, permanências, mudanças, identidades, enfim. Dessa forma, seus textos vão se constituindo em metáforas para (re)construção de uma identidade moçambicana.

Palavras-chave: Identidade, Escrita, Mia Couto, Moçambique

Introdução

Ao abordar questões relativas à diáspora, Stuart Hall (2003a, p.44) registra que “estamos em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. Nesse sentido, é possível afirmar que a identidade não é algo definido, inalterável; é algo que está sempre em processo, do que se conclui que não há uma identidade, e sim identidades. Sendo assim, deve-se pensar, por exemplo, em identidades de África, ao invés de a identidade da África. Por esse prisma, pode-se estudar a produção literária como um fator que contribui para a (re)construção de uma identidade coletiva, sobretudo em países marcados por séculos de controle do colonizador e por guerras civis. Embora o processo de colonização não seja necessariamente perverso, ele é permeado por conflitos que acabam por levar uma nação a se sobrepor a outra, com isso, culturas locais passam a ser abafadas, hábitos passam a ser modificados, ou ainda perdidos.

Frente a esse cenário, a literatura irrompe com uma força social singular, já que as narrativas podem se constituir em formas de resistência e de reação a um discurso que vem se fazendo dominante e controlador. Ao mesmo tempo em que é capaz de trazer à memória um passado que não pode ser suplantado, refletindo-o, o texto literário é capaz de contribuir para a formação de uma nova sociedade. Em outras palavras, a literatura reflete a sociedade ao passo que é capaz de modificá-la. “Ela também, e principalmente, deve ser considerada uma forma específica de memória cultural: um complexo lugar de memória com suas próprias formas e estratégias de observação e escrita” (WALTER, 2010, p.2). Conquanto as culturas autóctones não possam mais ser fielmente retomadas, elas podem ser revistas, relidas, revisitadas, a fim de que a nação reconheça suas singularidades frente ao outro, pois, como destaca Zilá Bernd (2003, p.17), com base na leitura de Lévi-Strauss, “a identidade é um conceito que não pode afastar-se de *alteridade*: a identidade que nega o outro permanece no mesmo”.

Nessa ótica, os romances **Antes de nascer o mundo** e **A confissão da leoa**, de Mia Couto, favorecem esse olhar introspectivo à proporção que também revelam que seu autor tem uma postura rizomática, utilizando-se a terminologia de Édouard Glissant (2005, p.72), para o qual uma

identidade rizoma está associada “à existência de culturas compósitas”, ou seja, culturas marcadas pela crioulização, nas quais comumente há uma oposição entre o atávico – cultura autóctone – e o compósito – cultura fruto da mistura, da relação com o outro. “A raiz única é aquela que mata à sua volta, enquanto o rizoma vai ao encontro com outras raízes” (GLISSANT, 2005, p.71).

1. O romance de Mia Couto e o compromisso com Moçambique

Em *Pensatempos*, ao abordar a questão de que África escreve o escritor africano, Mia Couto (2008, p.63) defende que “os escritores moçambicanos cumprem hoje um compromisso de ordem ética: pensar este Moçambique e sonhar um outro Moçambique”. Ou seja, para ele, a escrita é um caminho de grande relevância a fim de que sua nação repense sua história e, com isso, compreenda melhor o presente, atitude essencial para o autoconhecimento e a construção de um país menos desigual. Dessa forma, ao se utilizar da escrita e realizá-la na língua do colonizador, Couto, assim como outros tantos autores africanos, demonstra que a crioulização é inerente à história de sua nação.

Timothy Brennan (*apud* HALL, 2003b, p.58) registra que a palavra ‘nação’ refere-se “tanto ao moderno estado-nação quanto a algo mais antigo e nebuloso – a *natio* – uma comunidade local, um domicílio, uma condição de pertencimento”. Assim, para que haja o sentimento de pertença, essencial a um povo, sobretudo àquele que tem uma história permeada por invasão, opressão e medo, é necessário que haja o reconhecimento de elementos vinculados à sua tradição, a certeza de que sua autenticidade não foi esmagada, o que não implica a negação plena do outro, e sim uma relação entre o global e o local. Conforme afirma Couto(2008, p.22), “cabe-nos criar um novo olhar, inventar outras falas, ensaiar outras escritas”.

Segundo Homi K. Bhabha (1998), a ideia de nação não pode ser desvinculada de narração cultural, por conseguinte, ele articula categorias como raça, gênero, classe e diversidade cultural, às quais estão ligadas questões temporais, espaciais e históricas. Sendo assim, ele desconstrói o pensamento de que uma nação é reconhecida pelo caráter de unidade que a diferencia em relação às demais. Bhabha propõe o caminho de pensar a nação não como um sistema unificado, mas como um complexo de relações marcadas por disputas, contradições, por uma interação dos signos repetidos da tradição e a resignificação destes no presente. Logo, para esse crítico cultural, a identidade de uma nação está associada a um processo de identificação, a um contínuo no qual a alteridade é um elemento imprescindível.

Desse modo, são diversos os pontos convergentes entre os discursos histórico e literário. Um deles é que “a literatura, tal como a história, também constitui uma socialização das memórias, das narrativas e dos discursos” (LEENHARDT; PESAVENTO, 1998, p.13). Paul Ricoeur (1997, p.417) considera “a narrativa como o guardião do tempo, na medida em que só haveria tempo pensado quando narrado”. Assim, ao compor suas narrativas, Couto trabalha com o tempo, com memórias, permanências, mudanças, com identidades, enfim. E dessa forma, seus textos vão se constituindo em metáforas para a (re)construção de uma identidade africana, uma vez que, de acordo com Ricoeur,

identidade não poderia ter outra forma do que a narrativa, pois definir-se é, em última análise, narrar. Uma coletividade ou um indivíduo se definiria, portanto, através de histórias que ela narra a si mesma sobre si mesma e, destas narrativas, poder-se-ia extrair a própria essência da definição implícita na qual esta coletividade se encontra. (RICOEUR, 1997, p.207)

Então, se “a narrativa já pertence ao campo ético em virtude da pretensão, inseparável da narração, à correção ética” (*Ibid*, p.429), os referidos romances podem ser analisados como produções de grande relevância no campo das artes. Afinal, além de seu valor literário, cooperam para a efetivação de denúncias e para o resgate da memória de uma nação por um longo tempo

massacrada e que não tinha a escrita como um elemento cultural, do que decorre o risco de um apagamento de diversos aspectos do passado, e não sua ressignificação.

O cenário pós-colonial e pós-guerra em países como Moçambique gera em muitas vítimas da diáspora a visão de que o esquecimento auxilia a conduzir a vida, à medida que não lembrar pode se constituir uma forma de diminuição da dor fruto da miséria a que algumas dessas pessoas ainda hoje estão submetidas. Logo, é preciso resgatar a memória, é preciso conservar valores, hábitos culturais de raízes locais. Nesse sentido, Mia Couto, em sua vasta obra, busca retomar e, assim, “livrar do esquecimento” traços da identidade nacional moçambicana, o que é, conforme destaca Tutikian (2006, p.59), uma forma de reagir ao discurso do poder. Para Couto (2008, p.104), “necessitava-se de uma literatura que ajudasse a descoberta e a revelação da terra”, e é a isso que ele visa, ao recuperar e reler aspectos diversos da tradição de seu país e de seu continente.

2. A escrita como um caminho para a (re)construção da identidade

2.1. Antes de nascer o mundo

Publicado em 2009, **Antes de nascer o mundo** não é um romance estruturado em capítulos, e sim em livros: um – **a humanidade**, dois – **a visita**, e três – **revelações e regressos**. O foco narrativo é em primeira pessoa, Mwanito, na maior parte da obra, e Marta, em algumas passagens do segundo e do terceiro livros. A linguagem, marcada por um lirismo comum ao estilo de Mia Couto, traz, em diversas passagens, um ritmo poético, inclusive quando há a retratação de uma estrutura mais próxima do oral do que do escrito.

Para melhor traduzir suas intenções, o autor recorre, por vezes, ao uso de neologismos, todos bastante significativos, considerando-se o universo da obra. Há, por exemplo, ‘pontapear’, ‘abutrear’, ‘maluquinações’, ‘desbatismo’. Alguns se dão por meio do acréscimo de um prefixo de valor semântico negativo ou de retomada, como ‘des’ e ‘re’, o que suscita a temática de negação e de volta que permeia a narrativa. A negação se dá de modo bastante recorrente, já que a história evidencia uma separação entre dois mundos: Jesusalém e o Lado-de-lá.

Jesusalém era um lugar onde não havia quase tudo: doença, fome, guerra, reza, escrita, passado, memória, tampouco interação. E porque não havia passado, não existiam antepassados. Na visão defendida por Silvestre Vitalício, esse lugar era o próprio mundo, aonde Deus um dia voltaria para pedir perdão. Nesse espaço, vivia toda a humanidade: ele – Vitalício –, seus filhos Mwanito e Ntunzi, Zacaria Kalash e Tio Aproximado, que vivia parcialmente ali. Um lugar masculino, com apenas uma presença feminina, a de Jezibela, uma jumenta. Em Jesusalém, a visão propagada acerca do feminino era negativa, por isso não se falava em mulher, palavra proibida pelo patriarca. Ela fazia sofrer, tirava o tino, levava à procriação.

Em contrapartida, no Lado-de-lá, houve guerras, doenças, miséria, traição, mandado e mandante. Por isso Vitalício buscava apagar esse lugar, transformá-lo em silêncio, mesmo este falando em sua memória, pois tal espaço existia e havia deixado marcas indeléveis, havia levado à fundação de Jesusalém. Para adentrar esse mundo criado, Tio Aproximado tinha que se limpar, com terra e água, a fim de não deixar passar nada do outro lado para Jesusalém. Tio Aproximado era, na verdade, o único vivente que confirmava a existência do Lado-de-lá. Só ele, em suas idas e vindas para trazer mantimentos, servia de contraponto às palavras de Vitalício acerca da inexistência de outro lugar. Contudo, apenas Mwanito acreditou na não existência de outro mundo. E durante anos. O pai era sua referência, o único ser superior que ele conhecia. Era a ordem, o início e o fim, o que explica a afirmação de que conheceu o pai antes mesmo de conhecer a si.

Seguindo-se essa perspectiva, Jesusalém pode ser analisado como um espaço que reflete a tentativa de descolonização do território moçambicano, quicã de África. Pode ser a representação do desejo que muitos africanos nutriram de voltar às origens. Essa leitura se justifica pelo fato de

Silvestre Vitalício negar a presença do outro, visto como corrompido, produto de guerra. Esse outro é fruto de um processo de colonização que, como tal, se deu pela sobreposição de uma cultura a qual, para se sedimentar, precisou suplantar diversos aspectos das culturas locais, inclusive do ponto de vista linguístico. Além disso, não se pode desconsiderar que o processo de colonização foi de opressão, e toda forma de opressão busca silenciar o outro, negá-lo a palavra, meio mais usual para efetivar a interação e manter vivas as crenças, passando-as de geração a geração.

Esse caráter de denúncia e, de certa forma, desabafo permeia **Antes de nascer o mundo**. Mwanito não conhece suas origens. O que sabe é por meio do olhar alheio, por isso ele vive em uma espécie de situação de viagem e de busca. Sabe poucas coisas, entre elas, que não nasceu em Jerusalém, o que o leva a dizer: “sou, digamos, migrante de um lugar sem nome, sem geografia, sem história” (COUTO, 2009, p.19). Há um silêncio em seu passado, por isso ele é um afinador de silêncios. Ele sabia apenas que sua mãe havia morrido. O resto era envolto em mistério, assunto proibido. Só o irmão – Ntunzi – o contraponto do pai, falava da mãe para ele, mas até o irmão deixava transparecer que fantasiava algumas descrições, pois ele próprio, que conhecera a mãe, devido ao tempo de morada em Jerusalém e ao silêncio peculiar ao lugar, estava a esquecê-la. Na memória de Ntunzi, ela tinha nome, contudo, a essência estava morrendo dentro dele.

No momento em que Mwanito pergunta ao pai se a mãe verdadeiramente morrera, este responde: “– Quatrocentas vezes.” O filho pergunta: “– Como?” E o pai lhe diz: “já vos disse quatrocentas vezes: a vossa mãe morreu, morreu toda, faz de conta que nunca esteve viva. [...] Está enterrada em toda parte” (*Ibid*, p.32). Dordalma morreu quatrocentas vezes, um tempo que se assemelha ao período de ocupação de Portugal em Moçambique. O nome da personagem sugere o sofrimento não como uma característica que lhe é atribuída, mas como sua essência, já que a ‘dor’ – substantivo – é que recebe a adjetivação ‘dalma’. Pode, então, ser a representação da angústia vivenciada por Moçambique, território invadido e violentado por estrangeiros que abafaram muitos elementos de suas origens e o exploraram no que materialmente ele podia dar.

No final do romance, Mwanito passa a conhecer a causa da morte de Dordalma, e quem revela é Marta, a portuguesa, a única mulher a entrar no território sagrado de Jerusalém. Ela o faz por meio de uma carta enviada ao garoto. Dessa forma, configura-se a estrutura da narrativa em **Antes de nascer o mundo**: há dois narradores, Mwanito e Marta, uma voz masculina e outra feminina, os dois transculturadores, de acordo com o conceito de Fernando Ortiz (*apud* FIGUEIREDO, 2010, p.86-87). Ambos trocam influências, absorvem culturas e realizam um mergulho interior por meio da palavra, sobretudo escrita. Ele, entrando em contato com um passado desconhecido, vazio em sua memória; ela, encontrando-se consigo mesma. Afora isso, os narradores têm outro ponto em comum: só se descobrem a partir do outro. Ou seja, apesar de estrangeiro, termo utilizado na acepção empregada por Kristeva (1994), o outro é essencial para o autoconhecimento e a percepção de nuances da individualidade, das identidades, afinal, só há um eu porque existem os outros.

Para o autoconhecimento de Mwanito, a escrita foi essencial. Sem ela, ele continuaria sendo um estrangeiro de si mesmo e permaneceria sentindo uma nostalgia do que não conheceu. Em suas palavras, “a guerra roubou-nos memórias e esperanças” (COUTO, 2009, p.40), todavia por ela ele adentrou o mundo da escrita. O acesso a esse universo se deu por meio da leitura de caixas de material bélico encontradas em meio aos destroços em um armazém abandonado em Jerusalém, área rural, palco de diversas cenas de guerras civis. Foi por meio da palavra escrita que Mwanito iniciou a saída do mundo de reclusão, no qual seu pai o colocara, e conheceu o Lado-de-lá. Pela escrita, ele ligou passado e presente e se tornou um fazedor de futuro, ao escrever sua história. Foi também por meio da escrita que Dordalma deixou de ser mistério e ganhou voz, corpo, uma existência concreta. As cartas de Marta lhe permitiram fazer essa construção, o que o fez constatar que a escrita lhe devolvia o rosto perdido de sua mãe.

É por meio da palavra registrada no papel que Mwanito busca o sentimento de pertença e começa a construir sua identidade, silenciada em virtude do exílio em Jerusalém. Não era aleatória

sua busca pela mãe, era como se ele buscasse um sentido para a sua existência. É por meio da escrita, enfim, que ele conhece suas raízes e descobre que sua mãe morreu porque fora violentada por uma legião de homens que, de modo animalesco, lhe exploraram o corpo e, em consequência, lhe tiraram a alma, restando-lhe apenas a força. Não seria essa uma metáfora do que ocorrera com Moçambique, também explorado por homens que lhe tiraram características genuínas, assim como os que abusaram de Dordalma até deixá-la “falecente”?

Já do Lado-de-lá, Mwanito conhece um Moçambique onde há globalização, aids, fome, desonestidade, isto é, o Moçambique contemporâneo. E em seu livro, ele não escreve uma história, escreve a sua história. Com isso, ele ocupa o lugar de fronteira, de limiar entre os Moçambiques. Ele é a passagem, o caminho, a estrada para, no diverso, o ímpar se destacar, o singular vir à tona. Mwanito é como o rio de Jerusalém – o Kokwana – que significa avô – é a passagem entre mundos, é estrada em movimento. A ligação entre a tradição e as contribuições que vêm do outro. Conforme Mia Couto (2008, p. 60), “se nos mestiçamos, significa que alguém mais, do outro lado, recebeu algo que era nosso”. Assim, justifica-se a divisão da obra em livros: **a humanidade**, representando o Moçambique genuíno; **a visita**, simbolizando a entrada indesejada do colonizador; **revelações e regressos**, expressando o papel da palavra e da arte literária no contexto retratado, isto é, a palavra se constituindo o caminho que leva à lucidez, às revelações.

Desse modo, realizam-se os regressos necessários rumo ao encontro com as raízes. No caso desse texto de Mia Couto, por meio da palavra, têm-se regressos possivelmente rumo ao encontro com um Moçambique que silenciou, não um silêncio religioso, comum à cultura africana, um silêncio que tem sempre a presença de alguém, e sim um silêncio de opressão, de palavra calada, renegada, suplantada. Com a força da palavra, Mwanito une dois espaços, dois mundos: um Moçambique múltiplo, que traz marcas do colonizador e se expressa, comumente, pela língua do outro, e um Moçambique que por muito tempo silenciou, mas agora reclama e quer ver respeitadas suas singularidades.

2.2. A confissão da leoa

Adotando alguns aspectos semelhantes aos empregados em **Antes de nascer o mundo**, Mia Couto, em **A confissão da leoa**, livro publicado em 2012, também produziu um romance no qual o foco narrativo é em primeira pessoa e dois narradores são responsáveis pela história – Mariamar e Arcanjo Baleiro, o caçador. O fato desencadeador para a criação da obra é explicado inicialmente, a fim de que o leitor seja contextualizado. Em uma visita a Cabo Delgado, no Norte de Moçambique, Couto, junto a outros profissionais, teve conhecimento de que naquela região estavam ocorrendo ataques de leões a pessoas e, em alguns casos, as vítimas chegavam a óbito. Em cerca de quatro meses, o número já era de vinte ataques fatais. Em decorrência, houve a sugestão de liquidar os “leões comedores de pessoas” (COUTO, 2012, p.7), o que pressupunha a contratação de caçadores, os quais, “aos poucos [...] entenderam que os mistérios que enfrentavam eram apenas os sintomas de conflitos sociais que superavam largamente a sua capacidade de resposta” (*Ibid*, p.8).

A narrativa tem início com a morte da irmã de Mariamar, Silência, vítima mais recente do ataque de leões. O primeiro episódio é intitulado **A notícia** e a focalização é feita por Mariamar, a qual, ao narrar a morte da irmã e a dor dos pais por conta da perda, começa a narrar também a si, à proporção que retrata alguns aspectos da relação familiar, entre marido e esposa e entre pai e filha, por exemplo. Paralelamente à notícia da morte da menina, há, em outro espaço, o anúncio acerca do resultado do concurso que divulgará quem foi o caçador escolhido para ir à aldeia de Kulumani e dar fim às sucessivas mortes de mulheres atacadas pelos referidos felinos. O caçador selecionado é Arcanjo Baleiro, que segue para a aldeia acompanhado de um escritor – Gustavo Regalo – cuja responsabilidade é registrar a caçada.

A narrativa segue em primeira pessoa, porém o narrador vai sendo alternado: ora Mariamar

traduz sua visão acerca da aldeia, dos homens, da mãe, de si; ora o caçador registra fatos dos quais já traz marcas e aqueles que vão lhe marcando durante a estada em Kulumani. As passagens narradas segundo a ótica feminina são nomeadas ‘versão’, as dele, ‘diário’. Para cada ‘versão’, há um título, assim como ocorre para cada ‘diário’, e entre os títulos existe um vínculo semântico, a exemplo do que ocorre com a parte três, composta pela ‘versão’ **Uma ilegível memória** e pelo ‘diário’ **Uma longa e inacabada carta**. Se há palavras a serem escritas, é porque há memória, ainda que esta seja marcada pela ilegibilidade, ainda que seja registrada em uma carta que não chegou ao fim. Na verdade, não poderia alcançar o final, tendo em vista o fato de que a memória, em semelhança à identidade, está sempre em processo de construção, de reconstrução, o que atesta o seu caráter dinâmico e a relação com a alteridade.

Desse modo, a narrativa é tecida fundindo aspectos relativos ao mundo real e ao ficcional. À medida que Arcanjo Baleiro aborda as aventuras vivenciadas por ele e pelo pai como caçadores, também vai focalizando a condição da mãe, mulher que, como outras milhares, sofre em virtude da opressão comum ao sexo feminino em regiões diversas de Moçambique e de todo o território africano, bem como de outros espaços-nação. Assim, a retratação da violência na qual inúmeras mulheres estão imersas não se dá apenas segundo a visão de Mariamar Mpepe, a violência também é registrada por um olhar masculino, de filho, especialmente.

Entretanto, a agressão é desnudada e minuciosamente desvelada nas passagens em que a narração é tecida por uma das vítimas. É Mariamar que insere o leitor em um contexto em que ser mulher é trazer em si a marca da inferioridade e um destino traçado, permeado por decisões masculinas, abuso do corpo, ausência de voz, até de desejos. “Preferir não era um verbo feito para ela” (COUTO, 2012, p.24). Nesse ambiente, a violência é tão intensa que muitas mulheres alimentam em seu interior a animalidade e, por vezes, liberam seus bichos quando se encontram diante de um outro considerado um inimigo mais fraco, normalmente as filhas, vítimas diretas; na obra, principais metáforas da castração.

Na ‘versão’ número oito de Mariamar – **Sangue de fera, lágrima de mulher** –, a narradora escreve seu relato, e ao escrevê-lo, ela também se escreve. Rompe os grilhões que a amarravam ao silêncio e a um não estar em si e usa a palavra, escrita, como símbolo de sua liberdade, como testemunha do autoconhecimento e da superação do contexto castrador em que vivia. Com isso, coloca-se acima de vários homens de Kulumani – aldeia onde poucos tinham o privilégio de ler e escrever. Com isso, descobre-se e se confessa leoa, autora de diversos ataques a mulheres, inclusive à irmã – Silênciosa –, com o objetivo de que esta não permanecesse no silêncio a que o sexo feminino, desde há muito, vem sendo condicionado.

Para o mergulho em seu eu e a conseqüente confissão, Mariamar entra em um universo onírico e recebe a visita do avô, Adjiru Kapitamoro, aquele que sempre fora sua luz, inclusive depois de estar no mundo dos mortos. Na visita, ele faz revelações que, junto às realizadas por Mariamar, compõem o mosaico que é a história dessa mulher a qual, ainda garota, fora violentada sexualmente pelo pai – fato ocorrido também a Silênciosa –, recebia tratamento de animal, o que a levou a desaprender a andar e falar, culminando com o abandono de um perfil humano e a adoção de um perfil felino.

Assim que me despontaram os seios, fui eu a vítima. Ao fim das tardes, Genito migrava de si mesmo por via da *lipa*, a aguardente de palmeira. Já bem bebido, entrava no nosso quarto e o pesadelo começava. O inacreditável era que, no momento da violação, eu me exilava de mim, incapaz de ser aquela que ali estava, por baixo do corpo suado de meu pai. (...) Genito Mpepe desertava para uma outra existência e eu me convertia numa outra criatura, inacessível, inexistente. (COUTO, 2012, p.187)

Graças ao avô, Mariamar retorna ao mundo dos homens e tem acesso a um mundo avesso ao

de sua aldeia, o mundo das letras. Na adolescência, ferindo o destino óbvio das mulheres de Kulumani, ela conheceu o amor e se entregara a ele, o que gerou um fruto, um filho, que não poderia “vingar”. E não “vingou”. O aborto foi inevitável, consequência não da sua infertilidade, conforme ela ouviu da mãe – Hanifa Assulua –, mas dos pontapés recebidos do pai.

Há crianças que nascem e morrem dentro de nós – afirmou Hanifa (...).

Palavras escritas no destino. (...) O meu bebê mulato, meu menino impuro, natural da estrada, se extinguiu como um sonho na obscuridade. (...) Aquele sangue sobre o leito era ele mesmo uma criatura, um coágulo vivo, um sangue-gente. (COUTO, 2012, p.186)

O filho era do caçador, Arcanjo Baleiro, o que retorna a Kulumani para matar “os leões comedores de gente”. Segundo Adjiru Kapinamoto, ele próprio se encarregara de fazer o caçador retornar à aldeia, para isso, havia fabricado leões, “e a fama desses leões estendeu-se a toda a nação” (*Ibid*, p.237). Ele havia recorrido a essa estratégia para que Arcanjo tirasse Mariamar dali, a fim de que ela pudesse viver “longe do passado, longe do medo. Longe de si mesma” (*Ibid*, p.237). E ela sai da região, sai da família, sai de si.

Antes da partida sem volta, ela escreve sua história; na verdade, a história de inúmeras mulheres africanas. Ela aborda a morte do pai, vítima de uma leoa, que também morre abraçada a ele. A polícia lhe fala da estranheza da cena: “O seu pai pareceu não reconhecer o perigo. Avançou para a leoa, sem arma, dizem até que falava com ela” (*Ibid*, p.239). Mariamar não diz nada, pois, mais uma vez, perde a habilidade de falar. “Desta vez, porém, é diferente: daqui em diante não haverá mais palavra. Esta é minha derradeira voz, estes são os últimos papéis” (*Ibid*, p.239). Então, por escrito, ela faz a confissão, essencial para si, para a compreensão de sua identidade múltipla e complexa:

E aqui deixo escrito com sangue de bicho e lágrimas de mulher: fui eu que matei essas mulheres, uma por uma. Sou eu a vingativa leoa. A minha jura permanecerá sem pausa nem cansaço: eliminarei todas as remanescentes mulheres que houver, até que, neste cansado mundo, restem apenas homens, um deserto de machos solitários. Sem mulheres, sem filhos, acabará a raça humana. (...) E nunca mais me pesará culpa como sucedeu da primeira vez que matei alguém. (...) Agora já não há remorso. Porque, a bem ver, nunca cheguei a matar ninguém. Todas essas mulheres já estavam mortas. Não falavam, não pensavam, não amavam, não sonhavam. (COUTO, 2012, p.240)

Na última parte da obra, é Arcanjo Baleiro que assume a autoria. É ele que diz do derradeiro contato entre mãe e filha, esta envolta em uma capulana e segurando um caderno “em cuja capa se pode ler *Diário de Mariamar*” (*Ibid*, p.249), caderno que ela diz ser sua única roupa. É nesse encontro que ele reconhece aquela com quem havia se envolvido há dezesseis anos, aquela jovem de olhos de mel, olhos que, “de tanta luz, escurecem o mundo” (*Ibid*, p.249). É também nessa parte do romance que é reconhecida a qualidade dos escritos do caçador, os quais compõem um ‘diário’. O reconhecimento vem de um escritor, Gustavo Regalo, o qual lhe acompanhou para fazer a cobertura da caça aos famosos leões devoradores de pessoas. “Sempre fui o da rua, o do mato. O que Gustavo me dava agora era uma casa” (*Ibid*, p.246).

Por fim, Arcanjo registra as palavras de Hanifa, que diz ter os papéis do hospital que confirmam a loucura de Mariamar e a necessidade de internação. Então, ela entrega sua filha para o caçador, o amor da adolescência de Mariamar, o pai da criança que não chegou a nascer. Não há despedida, só as mãos falam, uma se demorando na outra. E a mãe presenteia a filha com “a corda do tempo. Todas as mulheres da família contaram os meses de gravidez naquele longo cordão” (*Ibid*, p.250). Ao final do diálogo entre Hanifa e Arcanjo Baleiro, dá-se outra confissão: “– *O senhor sabe muito bem: os leões eram três. Falta ainda um. (...) – Eu sou a leoa que resta. É esse o segredo que só você conhece, Arcanjo Baleiro. – Por que me conta isso, Dona Hanifa? – Esta é a*

minha confissão. Esta é a corda do tempo que deixo em suas mãos (Ibid, p.250-251).

Com essas palavras, encerra-se a obra. Com esta, abre-se um registro acerca das reais condições de vida de mulheres que, em nome de alguns valores transmitidos pelos antepassados, compõem o que Bauman, fazendo uso da nomenclatura de Giorgio Agamben, diz ser uma subclasse, “um grupo heterogêneo de pessoas que (...) tiveram o seu ‘bios’ (ou seja, a vida de um sujeito socialmente reconhecido) reduzido a ‘zoë’ (a vida puramente animal, com todas as ramificações reconhecidamente humanas podadas ou anuladas)” (BAUMAN, 2005, p.46).

Conclusão

Nos referidos romances, Mia Couto quebrou fronteiras, ao estabelecer uma fusão entre realidade e ficção, consciência e loucura, oralidade e escrita, tradição e modernidade, global e local. Por conseguinte, ele cumpre um dos propósitos a que, como escritor, se destina, que é criar “os pressupostos de um pensamento mais nosso, para que a avaliação do nosso lugar e do nosso tempo deixe de ser feita a partir de categorias criadas pelos outros” (COUTO, 2008, p.59). Constata-se, pois, que a tradição oral, embora de extrema importância para a cultura africana, não foi o suficiente para manter vivos detalhes da história de Moçambique e garantir a seu povo o reconhecimento de sua identidade múltipla. A palavra escrita, mesmo que à luz da língua colonizadora, emerge como um recurso essencial para Moçambique não só se (re)conhecer, como também se fazer (re)conhecer. Dessa forma, o escritor tem o papel de tentar unir esses dois mundos, o da tradição oral, passada pelos ancestrais, e o da valorização da escrita.

Assim, a produção literária de Mia Couto contribui, inegavelmente, para estimular os moçambicanos nesse contexto de (re)construção de sua identidade frente a outras nações, uma vez que “o efeito da escritura é fazer com que os outros não esqueçam. Escreve-se para lembrar, e amanhã, outros vão ler essa lembrança” (PEREIRA, 2003, p.164-165). Afinal, “psicanaliticamente, nós continuamos buscando a ‘identidade’ e construindo biografias que tecem as diferentes partes de nossos eus divididos numa unidade porque procuramos recapturar esse prazer fantasiado da plenitude” (HALL, 2003b, p.39). Além disso, “a poética não é uma arte do sonho e da ilusão, mas sim uma maneira de conceber-se a si mesmo, de conceber a relação consigo mesmo e com o outro e expressá-la” (GLISSANT, 2005, p.159).

Referências Bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 2 ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.
- BHABHA, Homi K. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.
- COUTO, Mia. **A confissão da leoa**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. **Antes de nascer o mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- _____. **Pensatempos**. 3 ed. Coleção Nosso Mundo. Portugal: Editorial Caminho, 2008.
- FIGUEIREDO, Eurídice. **Representações de etnicidade: perspectivas interamericanas de literatura e cultura**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2010.
- GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 8 ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003b.
- _____. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003a.
- KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros Para Nós Mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Discurso Histórico e Narrativa Literária**. Campinas: Editora Unicamp, 1998.
- PEREIRA, Maria Luiza Scher. Modos de viajar, modos de narrar. Modos de ler, modos de escrever. *In*: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (organizadoras). **Literaturas em Movimento: hibridismo cultural e exercício crítico**. São Paulo: Arte & Ciência, 2003.
- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa** (Tomo III). Campinas: Papyrus, 1997.
- TUTIKIAN, Jane. **Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.
- WALTER, R. G. M. Literatura, História e Memória no Contexto Pós-Colonial. **Revista Eutomia**. Ano 3, edição 1, julho 2010.

1. Rosana Maria Teles Gomes é doutoranda em Teoria da Literatura no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).
E-mail: telesrosana@uol.com.br